

A perpetuação do erro

The perpetuation of mistakes

La perpetuación del error

No pensamento de Confúcio, "não corrigir nossas falhas é o mesmo que cometer novos erros", tão frequentemente citado – incluindo-se as redes sociais, é possível buscar uma das explicações para um fenômeno que se observa no momento em que se redige algo, seja nas áreas da saúde, das letras, da comunicação, enfim, a lista é grande. E esse deslize, hábito, negligência, comodismo, ou qualquer que seja a justificativa, é a "perpetuação do erro", sendo a mesma bem praticada pelas camadas da população com pouca ou nenhuma escolaridade (números, aliás, bem maiores do que a mídia política tenta nos convencer do contrário), o que é compreensível e, até certo ponto, aceitável (não deveria); mas e a parcela (pequena) erudita daqueles que tiveram "a sorte" – ou, quem sabe, "guerra" – de ter uma formação de nível superior, um mestrado, doutorado ou além? O que nos levaria à mesma prática?

Com frequência, lemos sites de notícias, revistas e jornais impressos, periódicos destinados a publicar os resultados de investigações científicas, *printed* e/ou *on line*, e nem são precisos "olhos de águia" para detectarmos um amontoado de erros, não só aqueles que continuam massacrando nossa pobre língua pátria, mas – pasmem, ou pelo menos façam uma expressão de – "equivocos" em dados e informações, tais como alterar a geografia ("Qual o problema em mudar uma cidadezinha de lugar?"), a história ("Datas são meros detalhes!"), a autoria ("Ah, não interessa quem disse ou escreveu, o importante é a informação!"), a nomenclatura ("Por que tanta rigidez?"), ou ainda, a taxonomia ("Ora, não é só colocar 'tortinho' e terminar a palavra em 'um, ae, is, us'? É latim, não é?"). Parece um exagero tentar adivinhar o que se passa na mente de nossos equivocados produtores, redatores científicos ou jornalísticos; entretanto é a conclusão a que se chega quando tais publicações são lidas, ou, indo mais fundo, ao se revisar ou traduzir um texto dessas origens.

A curiosidade é, talvez, a maior aliada do conhecimento e, aí, vem a pergunta: Cadê a curiosidade? Será que a morfologia está se alterando, a garganta se alargando e já se engole tudo que vem pela frente, sem critérios, sem o menor "paladar"? Ora, se é ingerido, também é expelido! Mas, deixando-se os meandros escatológicos de lado, melhor é falar em eternização, infelizmente, do conjunto desse "cardápio". O espírito investigativo foi se diluindo ao longo do tempo, ou mesmo, sendo substituído pelo comodismo, afinal é mais fácil reproduzir do que repensar, elaborar, certificar-se. Conforme o cientista alemão, Rainer Froese, desenvolvedor do sistema *on line* de informações sobre peixes, o FishBase, referindo-se à suprema importância de não se publicar nomes científicos incorretos: "Bloch (1785) publicou uma descrição de *Lophius histrio*, combinação original de *Histrio histrio* (Linnaeus, 1758), ilustrada com uma composição mostrando a cabeça e o corpo de *H. histrio* e o aparelho de atração (illicium e esca) de *Antennarius striatus*"¹; e alerta que "a confusão gerada por esse erro durou quase 200 anos com 21 publicações subsequentes, usando esta descrição errônea, frequentemente usando a ilustração de Bloch"¹. Esse relato mostra que a prática não é recente, o que falar, então, de nossos tempos atuais de "fast conhecimento"? O cuidado se faz necessário e contínuo, ou amargaremos um futuro (presente também) de "conhecimento *delivery*".

O que motiva esse comportamento pode estar contido em outro provérbio chinês: "A mais alta das torres começa no solo". Simples? Simplicidade é companheira da lógica, ou, por acaso, os picos das pós-graduações não começaram pelo ensino de base, principalmente escolar, mas também familiar? Educação – a velha, guerreira e sobrevivente, e tão relegada a segundo plano, pelo menos entre os "emergentes". É por ela que se pode tentar um *upgrade* no espírito investigativo de pesquisadores vindouros.

Fique claro que esta pequena reflexão não está pleiteando gramáticos ou linguistas amalgamados, ou até prioritários, a cientistas, jornalistas e outros produtores de conhecimento, mas sim uma preocupação com a correção, leia-se responsabilidade, ao transmitirem informações, com ressalva à área de saúde, que, literalmente, podem ser vitais.

REFERÊNCIA

- 1 Froese R, Pauly D, editors. FishBase [Internet]. Estocolmo (Suécia): ICLARM; 2012. Nomenclatura; [update 2012 Jul; cited 2012 Sep 22]. Available from: <http://www.fishbase.se/manual/Portuguese/Nomenclature.htm>.

Dóris Angélica de Siqueira Corrêa
Colaboradora da Rev Pan-Amaz Saude
Licenciada em Letras (Português e Inglês)